

A Poesia no meio do ruído dos dias

written by Rosa Fonseca | 21 de Março, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Rosa Fonseca



Talvez hoje mais do que nunca, ela faça sentido.

Num tempo em que tudo parece já ter sido dito, mas quase nada verdadeiramente escutado, a poesia continua a ser uma forma de resistência silenciosa. Não grita mais alto do que o ruído, mas diz diferente. E isso basta para incomodar, para despertar, para fazer pensar. A Poesia encontra morada na alma, esse lugar invisível, onde as inquietações se acumulam.

Há uma espécie de milagre discreto na poesia. Ela pega no caos e não o organiza, transforma-o. Dá-lhe forma, ritmo, beleza. E, de repente, aquilo que era só angústia passa a ser também expressão. E quando conseguimos dar nome ao que nos dói, já não estamos tão sozinhos.

A poesia obriga-nos ou talvez nos convide a parar por um

instante e a sentir. Sentir verdadeiramente.

A poesia é resistência quando tudo é descartável, ela insiste em permanecer. E talvez seja isso que nos salva um pouco; ela não precisa de multidões para existir. Precisa de consciência. De um olhar atento sobre o mundo e de uma inquietação que não se acomoda. Num cenário marcado por desigualdades, guerras, discursos vazios e uma certa anestesia coletiva, a palavra poética ainda tem a capacidade rara de furar essa camada de indiferença.

A Poesia já foi arma onde as palavras caminhavam lado a lado com a liberdade. Nomes como José Carlos Ary dos Santos ou Manuel Alegre, aquando da revolução dos cravos, escreveram versos que eram quase gritos, quase bandeiras. Embora hoje, o contexto seja outro mais difuso, mais subtil, mantem-se a necessidade de questionar, de intervir.

Sabemos que a intervenção mudou de forma. Talvez já não esteja tanto nas ruas, mas está nas entrelinhas. Está nos poemas que falam de quem fica à margem, de quem não tem voz, de quem é esquecido. Está na denúncia frágil, mas firme. Está na coragem de escrever sobre o que incomoda, mesmo quando o mundo parece preferir distrações.

Há na poesia uma forma de resistência íntima. Resistir à indiferença, à banalidade, ao automatismo. Ler ou escrever poesia é um ato quase silencioso de insubmissão: é dizer que ainda há espaço para a sensibilidade, para o espanto, para a humanidade.

Ler ou escrever um poema é como abrir uma janela dentro de nós. O ar lá fora não muda, o mundo continua no seu frenesim habitual, mas cá dentro... ah, cá dentro, qualquer coisa se alinha. Um silêncio bom instala-se. E por breves instantes, respiramos melhor.

Talvez a poesia não torne o mundo mais leve. Mas torna-nos a nós mais capazes de o carregar.

Por isso, sim, a Poesia faz sentido. Porque enquanto houver algo que precise de ser dito, sentido ou transformado, haverá sempre lugar para uma palavra que não se cala, não se conforma.

A poesia basta existir e lembrar-nos, discretamente, que também nós estamos aqui para mais do que apenas passar pelos dias.

Estamos aqui para os sentir.